

# 03

**“[...] ELE ERA UMA PESSOA NORMAL, E A PARTIR DO MOMENTO QUE ELE FEZ PARTE DO GRUPO DE DANÇA ELE TORNOU-SE GAY”:  
GÊNEROS, SEXUALIDADES E A DOCÊNCIA**

**“[...] HE WAS A NORMAL PERSON, AND FROM THE MOMENT HE BECAME PART OF THE DANCE GROUP HE BECAME GAY”:  
GENDER, SEXUALITIES AND TEACHING**

**Joanderson de Oliveira Gomes**

*Professor na Faculdade Três Marias (FTM)*

*Pesquisador do grupo História e Memória da Educação da Paraíba (CCAÉ/UFPB/CNPq)*

*Mestre em Educação (UFPB)*

*E-mail: joandersonoliveira@hotmail.com*





## Resumo

Neste artigo, apresento as vivências de um professor gay em escolas da cidade de Mamanguape, PB. Tenho como objetivo geral compreender o transitar deste docente nas escolas onde atua, e como a dimensão da sua sexualidade tem atravessado o ser professor. Enquanto objetivos específicos, pretendo: a) inferir sobre como as instituições escolares têm lidado com as questões de gêneros e sexualidades; e b) refletir sobre os avanços e recuos percebidos pelo professor em relação às estratégias que utiliza em seu cotidiano. O estudo evidencia, a importância de continuarmos tencionando a norma, tendo em vista que a heteronormatividade ainda se faz presente dentro dos muros escolas (mas não apenas neles), convidando os corpos a se adequarem dentro de padrões esperados.

**Palavras-chave:** Professor gay; homossexualidade; docência.

## Abstract

In this article, I present the experiences of a gay teacher in schools in the city of Mamanguape, PB. My general objective is to understand the movement of this teacher in the schools where he works, and how the dimension of his sexuality has crossed being a teacher. Specifically, it is intended to: a) infer how school institutions have dealt

with issues of gender and sexualities; and b) reflect on the advances and setbacks perceived by the teacher in relation to the strategies he uses in his daily life. The study highlights the importance of continuing to tension the norm, considering that heteronormativity is still present within the walls of schools (but not only in them), inviting bodies to adapt within the expected standards.

**Keywords:** Gay teacher; homosexuality; teaching.

**“Ficava querendo me expor na frente dos colegas, como se ela pensasse que eles não soubessem da minha orientação [...]”:  
Palavras Iniciais**

**A** escola se tornou para mim, na época da educação básica, um lugar de medo e espanto, sobretudo por me questionar e me cobrar um comportamento que fugia (e foge) ao meu controle. Andar mais durinho, não rebolar tanto, falar grosso, ser mais parecido com os meninos considerados “normais”, esses foram alguns dos “conselhos” que eu costumava receber. No início eu não entendia bem o que eles/as (professores/as, diretores/as, e colegas de classe) estavam tentando me dizer, mas era nítido pelo tom de voz e o olhar enviesado, que sob a ótica deles/as, eu estava fazendo (eu era) algo muito errado.

Assim como o docente que teve sua narrativa aqui analisada, também fui exposto em muitos momentos no espaço escolar, mulherzinha, bichinha e viadinho só passaram a ter sentido para mim quando eu entendi que se tratavam de discursos que marcavam o meu corpo de muitos modos, e que denunciavam para “a norma” que eu não estava dentro dela, e que estar à margem era um problema que precisava ser resolvido, corrigido e ajustado. Eu nasci menino, biologicamente classificado assim, em detrimento do meu órgão genital, o que reverbera uma série de expectativas e exigências que como tal eu deveria seguir.

Passados os anos de escolarização básica, ingresso no ensino superior, em um curso de licenciatura e me torno professor. O primeiro susto e desespero me vem quando me lembro do espaço escolar que vivenciei por toda a vida, sendo aluno. Ficando comigo a indagação: “As coisas mudaram agora que sou docente?”.

É nesse contexto que surge o meu interesse em pesquisar gêneros e sexualidades, dentro dos muros escolares, mais especificamente os professores gays, como eles transitam e atuam dentro de um espaço que embora tenha avançado em muitas questões pertinentes a diversidade ainda exala

os ditames e modos de uma heteronormatividade<sup>1</sup> que luta dia após dia para se afirmar como tal e ganhar legitimidade.

Essa dimensão que perpassa as nossas instituições de ensino tem sua construção e manutenção fincados em saberes morais e religiosos que, via de regra, trabalham no fomento a perpetuação de uma única verdade sobre as vidas individuais. Essa perspectiva heteronormativa penetra os nossos currículos e as práticas que se desenvolvem no cotidiano da escola. “Os ideais heteronormativos têm na escola um dos espaços de incisiva e sutil afirmação”, (Ferrari; Castro; Bastos, 2021, p. 13).

Os espaços escolares, historicamente, se constituíram como lugares privilegiados para que a heterossexualidade transitasse livremente, sendo incentivada, celebrada e desejada. Fato este que não é uma exclusividade escolar, mas que é cultivado nos mais diversos espaços de sociabilidade que estamos todos/as inseridos/as.

Na esteira dessas reflexões, Louro (2019), nos alerta que a escola se constitui como um dos lugares mais difíceis para que alguém assuma sua não-heterossexualidade, tendo este que enfrentar um ideal de valores e modos de ser pré-estabelecidos, cujo único propósito é difundir e

1 “A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou - mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto - para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida”. (Miskolci, 2020, p. 15).

forjar um ideal de sexualidade único e inquestionável, isso desde o nosso nascimento. Essa forma de ser não nos é mostrada “[...] como uma das possíveis formas, mas, a forma de ser”, (Sell, 2006, 31).

A escola enquanto espaço destinado à diversidade precisa estar atenta “[...] para as diferentes expressões das identidades sexuais, uma vez que ela deve ser o território da manifestação do plural, do diverso”, (Santos Júnior; Silva, 2020, p. 233). Não compreender e/ou se omitir de promover essa reflexão, assim como um espaço efetivamente inclusivo faz com que a instituição de ensino se omita de sua função social, formar e educar para a vida. Não apenas as vidas heterossexuais, mas a vida de todas as pessoas que por ela irão passar, independente de crença, raça, ou identidade sexual.

Este artigo é oriundo de minha dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba - (PPGE/UFPB). Que tomou como perspectiva de estudo a vivência de seis professores gays. Para a feitura deste artigo, tomarei como objeto de análise a narrativa de um desses professores.

Tenho como objetivo geral compreender o transitar desse docente, nas escolas onde atua, e como a dimensão da sua sexualidade tem atravessado o ser professor. Enquanto específicos, pretendo: a) inferir sobre como as instituições escolares têm lidado com as questões de

gêneros e sexualidades; e b) refletir sobre os avanços e recuos percebidos pelo professor em relação às estratégias que utiliza em seu cotidiano.

## Metodologia

Trata-se de uma pesquisa narrativa, que toma como objeto de análise as vivências de um professor gay, que trabalha em escolas da educação básica, na rede pública de Mamanguape, PB. Clandinin e Connelly (2015, p. 51) definem a pesquisa narrativa como “[...] uma forma de compreender a experiência. É um tipo de colaboração entre pesquisador e participantes”.

Na mesma direção, Paiva (2008) sinaliza que a pesquisa narrativa é uma metodologia de pesquisa que nos permite coletar histórias de vida que estabelecem relação com um determinado tema que se pretende investigar. Essas histórias de vida, narradas e rememoradas pelas vias da memória se entrecruzam e nos permitem compreender determinados contextos e como eles foram percebidos sob outras óticas.

Para Gomes, Assis e Soares (2022, p. 144) esse entrecruzamento se dá pois “[...] a priori, tais memórias se mostram como um fenômeno individual, já que o indivíduo que fala, fala sobre si, entretanto, nesse processo de rememoração

[...] os fatos narrados começam a se entrecruzar com as memórias coletivas”.

“A narrativa faz parte da história da humanidade e, portanto, deve ser estudada dentro dos seus contextos sociais, econômicos, políticos, históricos, educativos”, (Sousa; Cabral, 2015, p. 150). Desse modo, ao dialogar com o Prof. Emanuel<sup>2</sup>, meu intuito era compreender o seu transitar dentro dos muros escolares e como tem sido para ele, um professor gay, lidar com as questões de gêneros e sexualidades que inevitavelmente perpassa o seu fazer docente e as relações que constitui na escola, com seus/suas alunos/as, assim com os/as seus/suas colegas de trabalho.

Existe, ainda, um detalhe muito importante sobre a pesquisa narrativa, sinalizado por Souza (2006), que diz sobre o momento de reflexão gerado por ela, pois enquanto visita suas memórias o/a sujeito/a reflete sobre a própria narrativa e ao acessar suas memórias seleciona as que o marcaram de algum modo. Por isso, o autor define que esse momento, também, se configura como um relato (auto) biográfico, pois existe uma implicação nessa narrativa.

Implicação esta que não diz respeito apenas ao pesquisado, mas que traz o pesquisador a vivenciar a mesma experiência. Diversas vezes, ao ouvi-lo falar sobre os seus percursos me encontrei naquele mesmo lugar, partilhando

2 Nome fictício para preservar a identidade do entrevistado.



de dores que embora fossem suas (enquanto sujeito que narra), me atravessavam de muitos modos, por ter vivido situações semelhantes às suas.

Para geração dos dados, foi realizada uma entrevista com o docente, tomando por base um roteiro norteador, que visava apenas orientar o diálogo, mas sem limitar o que seria dito pelo entrevistado. Esse momento de conversas sobre a trajetória do Prof. Emanuel ocorreu em setembro de 2022, toda a entrevista foi gravada e posteriormente transcrita, na íntegra.

**“[...] então, não queria ver a imagem dele, um diretor, “manchada” por eu fazer parte da equipe docente e ao mesmo tempo estar em uma banda marcial”: tecendo diálogos com um professor gay**

Com uma xícara de café, bolachas e muito bom humor, é assim que sou recebido pelo Prof. Emanuel, em sua casa, para conversarmos sobre as suas vivências educativas. Com 26 anos de idade e 5 de docência, ele abre o baú de suas memórias, e através de sua narrativa, me permite refletir sobre como tem sido atuar no espaço educativo, sendo um homem gay, fato que o singulariza em detrimento dos/as demais. Uma vez que sua sexualidade passa por um processo

de decisão, no sentido de contar ou não contar para seus pares esse ponto importante da sua vida.

Naturalmente ele não possui a obrigação de partilhar com ninguém, com quem se relaciona afetivo e sexualmente, o que busco chamar atenção aqui é sobre o momento pessoal em que ele (assim como todos/as que burlam a “norma”) precisa refletir e pensar se vai se afirmar ou não, “[...] ele é alguém que, um dia ou outro, é confrontado com a decisão de dizer o que ele é, ao passo que um heterossexual não precisa fazer isso, já que presumidamente todos o são” (Eribon, 2008, p. 72).

E aí reside um ponto que distingue os/as professores/as não-heterossexuais dos/as docentes heterossexuais. Para os segundos a sexualidade não se torna uma pauta. Eles/as não serão cobrados/as para se portarem de um jeito, ou irão sentir a necessidade de ocultar suas vidas íntimas, por medo de sofrerem alguma discriminação, ou mesmo pensar sobre a decisão: “devo ou não falar sobre isso com eles/as?”. “Possuir uma sexualidade da qual se possa falar torna-se um privilégio estranho, uma “plenitude”, um “a mais” [...]”, (Hocquenghem, 1980, p. 12).

Tendo por base essas reflexões, dou início ao diálogo com o Prof. Emanuel, inicialmente peço para o professor me falar sobre sua vida pessoal, sua infância, e como foi seu processo de escolarização básica. Ele relata sobre o

bullying que vivenciava, sendo constantemente cobrado a se portar de um modo “mais masculino”, “[...] eu era bem retraído assim, devido às humilhações, as chacotas, principalmente no ensino médio foi o pior ano, [...] só uma professora fez algo por mim, foi uma semana de combate ao bullying na escola, ela especificou bem a questão da minha sexualidade, foi aí que eu comecei a entender e me aceitar, até então eu não me aceitava” (Relato do professor).

Essa narrativa inicial vai delineando nuances de uma escola (e aqui não me refiro especificamente a escola na qual ele trabalha, mas penso esse espaço em sentido coletivo) que por anos vem negligenciando falar sobre as sexualidades em sentido macro, por vezes, se limitando a uma dimensão biologistica, apenas, com fins reprodutivos. Não oportunizando uma educação para as sexualidades que contemple a todos/as, visando “ampliar a prática pedagógica e compreender aspectos como prazer, descoberta, busca pelo novo e desejo de saber”, (Xavier Filha, 2017, p. 220).

Na mesma direção, Ferrari, Castro e Bastos (2021, p. 8) enfatizam que “a ausência de posicionamento nos remete a um silenciamento heterossexista, que é cotidiano tanto fora quanto dentro da escola”. E sinalizam marcas que são infligidas nos corpos dos/as indivíduos/as, ao passo que a heterossexualidade segue sendo naturalizada e em contrapartida modos outros das sexualidades são relegados a locais marginalizados.

Vale ressaltar que o não falar sobre gêneros e sexualidades, de forma mais enfática, nas instituições de ensino, não significa dizer que a escola não aborda essa discussão, ela se faz presente através das práticas pedagógicas que atribuem naturalidade a determinados modos de ser e existir, em detrimento de modos outros que fogem a essa normativa. Ao direcionar crianças, jovens e adolescentes sobre como andar, falar, se movimentar, que cor usar, ou dito de outra forma, como “ser homem ou mulher, macho/fêmea”, a instituição de ensino está desenvolvendo uma prática pedagógica generificada, que objetifica e evidencia o que dentro dessa lógica heteronormativa é tomado como diferente e aquilo que é considerado como normal.

Em sua narrativa, o Prof. Emanuel toca em um ponto que tende a ser presente na vida de muitos/as homossexuais. Além de lidar com a pressão externa de ter que se adequar a heterossexualidade, existe um processo de “autoaceitação”, da sua homossexualidade. Embora, particularmente, não concorde com essa nomenclatura, pois entendo que esse momento de conflito é gerado externamente aos/às indivíduos/as. De modo que, essa percepção da aceitação é apresentada, algumas vezes, como se fosse um peso, uma consequência, na contrapartida, pessoas heterossexuais não são convidadas a se “aceitarem”, eles/as apenas são. Assim penso que também deva ocorrer conosco, não deveríamos

ter que nos “aceitar”, apenas viver. Mas entendo que esse é um processo cultural e historicamente construído, imposto e cobrado a todos/as que não estejam alinhados à heteronormatividade.

Após falar sobre sua infância e adolescência pergunto ao Prof. Emanuel quais caminhos o levaram a docência: *“Eu sempre tive gosto por lecionar, minha tia me levava para a escola e eu sempre dizia que queria ser professor, e aí desde pequeno, meu sonho era dar aula [...]”*, (Relato do professor). O incentivo, então, a falar sobre o seu primeiro emprego e como foi esse contato inicial, na posição de docente, com a escola.

Ele começa narrando que foi um processo tranquilo, iniciou como prestador de serviço, através de processo seletivo, e, desse modo, não teve as questões referente a sua sexualidade como um agravante, mas relembra que após se envolver com algumas atividades da escola foi chamado a atenção por um diretor, para este não era apropriado um professor participar da banda marcial da escola, isso ficava a cargo das professoras, pois em sua visão trata-se de uma atribuição feminina.

*“[...] foi o próprio gestor que não queria que eu lecionasse e ao mesmo tempo eu fizesse parte de uma banda marcial, aí ele pediu para eu escolher entre o emprego e dançar, e eu disse que eu iria dançar e se fosse para eu perder o emprego eu sairia, mas aí foi levado para um superior e deu tudo certo, eu permaneci dando*

*aula e participando da banda e da quadrilha. Era uma questão pessoal, dele comigo, que ele não queria ver a imagem dele, um diretor, “manchada” por eu fazer parte da equipe docente e ao mesmo tempo está em uma banda marcial, que ele dizia que era algo depravado e que manchava a reputação da escola e dos professores de modo geral”. [Esse incidente aconteceu em 2017, segundo o Prof. Emanuel].*

A produção do diferente, o convite a normalidade, o estranhamento de ver um homem em um grupo de dança, são frutos de uma sociedade marcada pelo preconceito e pela discriminação, pela aversão ao que é tido como estranho, são nuances que observo, a partir do registro feito pelo Prof. Emanuel. Essa construção é feita dentro de processos históricos, culturais e sociais, sendo perpetuada ao longo das gerações. O diretor não parecia preocupado em como as aulas estavam acontecendo, como se dava o processo de ensino e aprendizagem, importava-lhe que o docente não se envolve-se com dança ou nada que dentro de um universo generificado de forma binária (macho/fêmea, pênis/vagina), é tomado como algo eminentemente feminino.

De encontro a essa discussão, Marani (2022) elucidava como o seu corpo foi alvo dessas disputas e desses enquadramentos que constantemente diziam como essa atividade (a dança) era inadequada para alguém do sexo masculino, ao confrontar essa normativa ele construía um deslocamento

de gênero, “[...] na dança por não acatar práticas sociais destinadas aos corpos sexuados como masculinos [...]”, (Marani, 2022, p. 02). O que de um modo ou de outro desestabilizava a heteronormatividade.

As fábulas construídas dentro dessa dimensão problematizam as questões de gênero e sexualidade e questionam o lugar do homem (leia-se um corpo interpretado como masculino), dentro do espaço da dança. “No contexto rígido de uma sociedade de machos, o homossexual inverte as relações e encontra-se deslocado”, (Hocquenghem 1980, p. 41). É preciso, então, proibir. Desse modo, “a marca do gênero parece “qualificar” os corpos como corpos humanos; o bebê se humaniza no momento em que a pergunta “menino ou menina” é respondida”, (Butler, 2020, p. 193). E é isso que o diretor tenta fazer com o Prof. Emanuel, o lembrar que ele possui um pênis, e deve se portar como tal. Estar fora desse domínio o coloca em um lugar de desumanização e abjeção.

Para Silva e Nicolino (2020, p. 2) essas relações acabam por produzir o/a diferente e “[...] impõe aos indivíduos uma aprendizagem coletiva, que não é neutra e que se estrutura em preconceitos e discriminações de gêneros e sexualidades, ensinado também na escola”. Para o diretor a ação do docente manchava a reputação do espaço escolar, que desse modo, ao que me parece, não precisa conquistar uma reputação

tendo por referência a qualidade do ensino que oferta, mas em quão “machos” seus professores são. “[...] Esses estereótipos funcionam para reforçar noções limitadas do que um homem pode e não pode ser”, (Bola, 2020, p. 25).

Nesse contexto, o gênero tende a ser regulado dentro de uma relação binária, “[...] em que o termo masculino se diferencia do termo feminino, realizando essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual”, (Butler, 2020, p. 53). É esse desejo que visa nortear todos os/as demais. Enquanto uma regra que não deve ser questionada, mas seguida. A heterossexualidade, desse modo, se constitui quase como um dogma, e as demais devem se constituir a sua margem, tidas como uma espécie de aberração ou erro. Não estranhamente, lutou-se, por muito tempo, por manter as homossexualidades enquadradas como uma categoria patológica, (Hocquenghem, 2020), de nível inferior.

Temos, na contemporaneidade, uma gama de estudos e produção de conhecimentos que promovem e alargam o campo do saber sobre a história das sexualidades, a construção de normas e padrões específicos não como algo dado ou in natura para os/as indivíduos/as, mas como produtos de uma sociedade localizada e contextualizada em um tempo e espaço específico, ainda assim encontramos resistências em nossas instituições de ensino na promoção da desconstrução de tabus, preconceitos e visões estereotipadas sobre



a sexualidade humana. Conforme Ferrari, Castro e Bastos (2021, p. 14) “[...] as escolas se veem reféns de uma discursividade que as amedronta, acionando o pânico e o medo de que possam estar realmente promovendo a multiplicidade e proporcionando o reconhecimento de uma precariedade do vivível que precisa ser protegida e acolhida”.

Pergunto, então, de que modo ele percebe o trabalho escolar, na contemporaneidade, com relação às questões de gêneros e sexualidades e como elas são (ou não) abordadas no cotidiano das aulas: *“Eu sinto que há uma resistência maior de tocar no assunto sexualidade, a professora de ciências não aborda a questão do corpo humano, eu vejo que há uma vergonha ou acha que vai incentivar os alunos em alguma coisa, eu vejo que há uma resistência, não só dos alunos como também dos professores”*, (Relato do professor).

No tocante a essa questão, em pesquisa realizada por Gomes e Miranda (2022), sobre as questões de gêneros e sexualidades, frente aos planos municipais de educação do Vale do Mamanguape, espaço onde localiza-se a cidade do Prof. Emanuel, constatou-se uma ausência significativa de propostas que oportunizem aos/às docentes direcionamento e respaldo legal para trabalhar de forma mais enfática tais questões. Falando especificamente sobre a cidade de Mamanguape, os autores evidenciam que “[...]”

não foi encontrado no PME<sup>3</sup> nenhuma menção aos termos gêneros e sexualidades. Fala-se sobre violência doméstica e sexual, bem como ampliação de políticas para essas práticas” (Gomes; Miranda, 2022, p. 13).

Embora, os autores tenham encontrado, em sua pesquisa, rupturas e avanços importantes, ainda se traça um discurso muito polido sobre essas questões, as transformando em verdadeiros tabus. Falar sobre violência doméstica e sexual, de forma isolada, não contempla toda a diversidade que está sob a dimensão de efetivamente discutirmos e problematizar os gêneros e sexualidades, em sentido amplo.

A lacuna, sinalizada pelo Prof. Emanuel, tem relação com esse contexto social, histórico e cultural, no qual todo/as estamos inseridos/as. O que é um convite para ficarmos alertas e vigilantes, resistindo e tencionado a norma, a fazendo falar sobre si e seus ditames, (Seffner, 2013) para além de um dado natural, mas como construção que se dá na/e através das relações que coletivamente construímos. A resistência observada pelo professor com relação ao espaço escolar, pode estar atrelada à escassa discussão que, por vezes, se apresenta em documentos que devem nortear o fazer docente. Gerando em muitos momentos medo de

---

3 Plano Municipal de Educação.

perder o emprego ou do questionamento advindo dos/as responsáveis pelos/as estudantes.

Ele segue narrando que sua sexualidade não é um segredo para seus/suas alunos/as, *“a minha relação com os alunos é muito boa, de muita harmonia, eles sabem, nunca recebi nenhum xingamento ou comentário maldoso”*. Em suas ações, em parceria com demais colegas da escola, o Prof. Emanuel vem tentando desenvolver trabalhos coletivos que visem envolver os/as estudantes em atividades culturais e que fortaleçam o processo de ensino e aprendizagem. Em uma dessas atividades ele foi acusado de transformar um de seus alunos em gay, o que retoma a resistência que apresentei no parágrafo anterior.

*“Eu trabalho com os alunos e sempre tem projetos de dança, aí uma mãe disse que eu influenciei o filho dela a ser gay por ele dançar, ela chegou na escola e disse que não queria que o menino fizesse parte, porque ele era uma pessoa normal, e a partir do momento que ele fez parte do grupo de dança, ele tornou-se gay, na visão dela eu fui o influenciador. Ela foi pessoalmente à escola expor essa indignação, dizer que eu tinha sido culpado”*. (Relato de professor).

A percepção da mãe, registrada na narrativa do Prof. Emanuel, diz sobre um espaço social que de forma reiterada revoga sobre a heterossexualidade uma dimensão de verdade e de possibilidade única de expressão das sexualidades

humana, sendo algo inevitável. “Em oposição a essa heterossexualidade, está a homossexualidade representada como patológica e desviante”, (Grespan; Goellner, 2011, p. 105). Ao procurar um culpado, pelo que ela julga ter transformado seu filho em gay, essa mãe, revela uma estranheza a homossexualidade, dando indícios de algo que precisa ser evitado e que pode ser “ensinado/aprendido”, como se essa ação dependesse, apenas de um agente externo, uma forma de doutrinação, manipulação e “conversão” de heterossexuais em homossexuais, discurso este muito comum e que acaba gerando uma espécie de pânico moral, como o apresentado pela mãe do estudante.

Os pânicos morais, via de regra, intentam gerar reações coletivas que mobilizam um grupo de pessoas em defesa de algo que é apresentado por eles/as, como perigoso e danoso, por exemplo, a ideia de que alguém possa converter outro/a em homossexual. “Ao detrator, pode bastar manter o ataque alarmista, aliando-o a um discurso vago e impreciso em defesa de algo, em princípio, incontestável, como a “vida” e o “bem-estar das crianças”.” (Junqueira, 2022, p. 67)

Esse ideário se fundamenta em discursos mais fundamentalistas que revogam sobre a homossexualidade uma dimensão de perigo, e um imperativo para se afastar, se configurando desse modo, em uma ameaça. E é justamente a potência desse discurso que fortalece a norma, quando

se demarca os limites de normalidade/anormalidade e se institui que fronteiras não devem ser burladas. Concordo com Seffner (2013, p. 157), quando afirma que “ninguém está fora da norma, embora possa estar em situação de confronto com ela, pois só conseguimos estabelecer o que é normal e desejável [...] se tivermos em mente o que não é normal nem desejável”.

Ao fazer parte de um grupo de dança, esse estudante é capturado por um discurso que age sobre o seu corpo e lhe diz o que não é permitido. E que em contrapartida sinaliza um culpado: seu professor. Que permite e promove atividades de dança para os meninos, onde dentro dessa lógica ele irá se tornar gay, deixando de ser o que sua mãe classificou como “*uma pessoa normal*”. Em concordância com, Silva e Nicolino (2020, p.6), entendo que “a manutenção desse olhar binário e confuso para gênero e sexualidade carrega a ideia de que há uma noção preexistente para os gêneros e sexos”, normalizando o que compete a alguém do sexo masculino e/ou feminino.

Nesse contexto, “[...] a dança não implica uma prática individual, mas uma política de gênero e sexualidade da sociedade ocidental”, (Marani, 2022, p. 3) que promove negociações entre o permitido e o proibido e que incide sobre aqueles/as que borram a “norma”, sinalizando regimes de verdade que marcam os corpos visando os uniformizar

para o enquadramento a heteronormatividade. O protesto dessa mãe, com relação a participação do seu filho (reconhecido socialmente como do sexo masculino), evidencia a reprodução de um discurso aprendido sobre os gêneros que se traduz em uma narrativa construída e fortalecida cultural e historicamente, que reforçam esses lugares de gênero e geram um deslugar para quem, dentro dessa lógica, se apresenta como um problema de gênero (Butler, 2020).

Conforme Marani (2022, p. 6) “[...] existir como sujeito que borra, de algum modo, os limites discursivos do gênero e da sexualidade [...] significa enfrentar desafios, disputas e negociações constantes”. Diante disto e dos enfrentamentos que teve no exercício de sua profissão, por conta de sua sexualidade, peço ao Prof. Emanuel para falar sobre o ser gay, e qual a relação percebida com o seu campo profissional.

Ele me diz: *“Quando as pessoas falam assim, “gay”, vem na cabeça aquela pessoa afeminada, aquela pessoa desbocada, e eu acredito que no ambiente escolar, como eu consigo colocar respeito com os meus alunos e ter uma boa convivência, eu acabo mostrando, mesmo que de forma indireta, não deixando explícito ali a minha questão sexual, que a gente pode viver muito bem em nossa sociedade, desde que a gente se respeite, não é, saiba o nosso lugar, porque eu tenho uma relação excelente com os meus alunos, na rua, na escola, nos ambientes que vou e os encontro [...]”*.

A narrativa do Prof. Emanuel, ao falar sobre a homossexualidade, traz a descrição de um modo de ser que parece, em sua ótica, não se adequar aos muros escolares. Embora ele faça essa análise tomando por base o que “está na cabeça das pessoas” (em sentido externo), me parece que ele foi, de algum modo, capturado pela norma. Uma vez que “[...] as normas sociais não escolhem sujeitos, elas se impõem a todos e todas, mesmo àqueles e àquelas que jamais conseguirão atendê-las [...]”, (Miskolci, 2020, p. 47)

Ainda que estejamos do lado oposto da norma, o discurso heteronormativo pode nos envolver, nos capturar, fazendo com que reproduzamos um discurso que traça estereótipos de gays ideais, os classificando, definindo qual comportamento eles devem ter em seu cotidiano. E se o professor for uma bicha afeminada? Ser feminino não lhe é permitido por ter nascido com um pênis? Se tais indagações forem respondidas sob a égide da heteronormatividade, a resposta será um sonoro n-ã-o. No entanto, não penso que em sua narrativa o Prof. Emanuel tenha tentado diminuir ou classificar, propositalmente, como os homossexuais deveriam se portar. Mas sua fala caminha entre as nuances de um discurso que somos constantemente bombardeados.

O que intento chamar a atenção aqui não é na culpabilização da fala do docente, mas provocar o tensionamento da norma que faz com que esse pensar/falar exista. Dentro

de um jogo de disputas e de relações de poder somos constantemente cobrados, de algum modo, sobre a normalidade pré-estabelecida por aqueles/as que se adequam com o que espera a heteronormatividade. Ao mencionar a dimensão de podermos ser respeitados desde que saibamos “o nosso lugar”, o Prof. Emanuel elucida que há um espaço a ser “encaixado”.

Em um processo que é entendido por Foucault (2014) como a constituição de corpos dóceis. Para o autor, não importa o tipo de sociedade, sempre estaremos imersos em relações de poder que nos apertam, nos cobram, nos convidam a uma conduta específica. “O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (Foucault, 2014, p. 135). E que constantemente diz qual comportamento é aceitável. “Não rebole ao andar”, “sente como uma mocinha”, “esse brinquedo não é para meninas”, “menino não participa de grupos de dança”, são algumas das formas discursivas, para citar alguns exemplos, que moldam os corpos dentro de determinados padrões que estão ancorados na heteronormatividade.

Por não está alinhada a essa normativa esperada, a bicha afeminada tende a ser ainda mais cobrada, muitas vezes dentro da própria comunidade LGBTQIA+, em pesquisa realizada por Sell (2006) a autora analisa narrativas de homens gays que tecem duras críticas as bichas afeminadas, reafirmando que existe um modo correto



de ser homossexual. “É uma acusação que a maioria dos homossexuais fazem às “bichas”. O prejuízo na aceitação social. O perigo de se relacionar com eles” (Sell, 2006, p. 204).

Esses discursos disciplinares que perpassam o espaço social e nos atravessam de muitos modos fabricam indivíduos/as (Foucault, 2014), sendo estes não apenas objetos manipuláveis, mas, também, como instrumentos que quando bem treinados põem em movimento essa ação de controle e vigilância, que age sobre os corpos. E ressalto, novamente, a crítica que teço a partir da última fala do Prof. Emanuel, não está vinculada a culpabilizá-lo ou responsabilizá-lo, o que intento realizar é usar sua narrativa para lançar luz sobre uma questão que não é meramente pessoal, mas social, cultural e histórica. “Muitos homossexuais também normalizados ajudam na estigmatização e na percepção negativa daqueles que não cabem na heteronormatividade [...]” (Miskolci, 2020, p. 15).

Por isso é necessário o investimento em ações educativas que promovam o combate aos mais variados tipos de discriminação e que oportunizam a desconstrução que se tem sobre estereótipos do que é permitido e do que é proibido. Caso contrário estaremos presos a armadilha da norma, ainda que nossa existência seja tolerada algumas exigências precisam ser atendidas. “Não é por acaso que a escola é acionada e convocada a se posicionar, confirmando

seu entendimento como espaço de força para a transformação dos sujeitos e suas formas de pensar e agir” (Ferrari; Castro; Bastos, 2021, p. 10).

### **“[...] e aí eu deixei bem claro essa questão de gostar, eu disse que eu gostava de homem [...]”: à guisa de conclusão**

O trecho com o qual nomeio este subtítulo, refere-se a uma fala do Prof. Emanuel, ao ser interpelado por uma de suas alunas sobre gostar de homem ou mulher. Ele segue explicando-a que o amor não possui rótulos e obrigações e que as pessoas se relacionam afetivo e sexualmente por quem sentem algum tipo de atração, e está tudo bem.

Parto desse lugar para pensar o que foi refletido durante a escrita deste texto. Os/As professores/as homossexuais estão na escola, atuando, transitando e de algum modo evidenciando que há um corpo não-heterossexual em movimento, e isso independe se ele/a vai se afirmar ou não como tal, não é esse o ponto que objetivo problematizar, sendo está uma decisão pessoal e que diz respeito a cada um/a.

No entanto, esse transitar de pessoas não-heterossexuais funciona, também, como um tencionar a heteronormatividade, provocá-la e atuar em lugares outros, além da margem. As narrativas do professor, aqui entrevistado, nos mostram como a escola ainda aparenta viver com

esse conflito, na linha tênue que separa o permitido do proibido. Fato que não é estranho, sendo ela composta por pessoas com pensamentos, crenças e ideologias diferentes. Obviamente, isto não justifica as ações preconceituosas e homofóbicas, respeitar as diferenças é a primeira coisa que precisamos aprender na escola, não apenas no discurso, mas nos exemplos práticos que as instituições de ensino podem e devem ofertar aos/às seus/suas alunos/as.

As vivências do Prof. Emanuel nos convidam a problematizar e questionar os padrões de normalidade da heterossexualidade, historicamente instituídos e chancelados ao longo do tempo como o desejável e o esperado. Fazer a norma falar sobre si, urge em nossos estudos e pesquisas como um imperativo. Promover espaços de reflexão que desnaturalizem a norma, tirem sua máscara de perfeição divina é um de nossos desafios a serem enfrentados. O caminho contrário foi possível, a norma, como discuti no decorrer da escrita deste artigo, foi fundada e tecida no meio social, nas relações cotidianas e aparentemente despretensiosas das quais os/as indivíduos/as foram (e são) alvos. Devemos, agora, perfazer o caminho da não naturalidade, mas dos gêneros e sexualidades como construções, históricos, culturais e sociais que apenas podem ser compreendidos quando situados dentro da cultura e do povo do qual determinado discurso emerge.

## REFERÊNCIAS

- BOLA, JJ. *Seja homem: a masculinidade desmascarada*. 2. ed. Porto Alegre: Dublinense, 2020.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 19. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. 2. ed. Uberlândia: Edufu, 2015.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de; BASTOS, Felipe. Marcas inscritas nos muros da escola: imagens e vidas precárias. *Educação & Sociedade*. v. 42, p. 1-17, 2021.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GOMES, Joanderson de Oliveira; ASSIS, Francymara Antonino Nunes de; SOARES, Maria Valdenice Resende. Memórias e trajetória docente: relatos de uma professora. *História e Cultura*. v. 11, n. 2, p. 143-158, dez. 2022.
- GOMES, Joanderson de Oliveira; MIRANDA, Joseval dos Reis. Gêneros e sexualidades: um olhar a partir de planos municipais de educação. *Linhas Críticas*. v. 28, p. 1-20, jan./dez. 2022.
- GRESPLAN, Carla Lisbôa; GOELLNER, Silvana Vilodre. “Querem, na escola, transformar seu filho de 6 a 8 anos em homossexual”: sexualidade, educação e potência do discurso heteronormativo. *Faced*. n. 19, p. 101-122. jan./jun. 2011.
- HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HOCQUENGHEM, Guy. *O desejo homossexual*. Rio de Janeiro: A Bolha, 2020.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *A invenção da “ideologia de gênero”*: um projeto reacionário de poder. Brasília: Letras Livres, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MARANI, Vitor Hugo. Dança, educação física e heteronormatividade: enquadramentos corporais e subversões performativas. *Movimento*. v. 28, p. 1-17, 2022.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 8, n. 2, p. 1-6, 2008.

SANTOS JÚNIOR, Antônio Carvalho dos; SILVA, Janaina Guimarães da. Aviadando o currículo: identidade/representação, gay, corpo e política pública. *Prâksis*. v. 17, n. 2, p. 230-244, mai./ago. 2020.

SEFFNER, Fernando. Sigam-me os bons: apuros e aflições nos enfrentamentos ao regime da heteronormatividade no espaço escolar. *Educação e Pesquisa*. v. 39, n. 1, p. 145-159, jan./mar. 2013.

SELL, Teresa Adada. *Identidade homossexual e normas sociais: histórias de vida*. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

SILVA, Marco Aurélio Alves e Silva; NICOLINO, Aline. Sobre lágrimas, corpos e silêncios pedagógicos: transitando entre educação física escolar, sexualidade e gênero. *Educación Física y Ciencia*. v. 22, n. 4, p. 1-18, out./dez. 2020.

SOUSA, Maria Goreti da Silva; CABRAL, Carmen Lúcia de Oliveira. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. *Horizontes*. v. 33, n. 2, p. 149-158, ju./dez. 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto, (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs, 2006.

XAVIER FILHA, Constantina. Tecer e entretecer a vida: educação para as sexualidades e gêneros na formação docente. *Intermeio*. v. 23, n. 46, p. 215-236, jul./dez. 2017.